

Bancos não renegociam

Dw. Ext.

8/10/86, QUARTA-FEIRA • 7

dívida sem FMI

J. Franca

Os bancos não estão dispostos a renegociar a dívida externa brasileira sem que o país assine um acordo prévio com o FMI, único organismo que, no momento, se encontra preparado tecnicamente para impor condicionalidades. Foi o que disse ontem o presidente do Banco de Boston, Ira Stepanian, credor do Brasil em US\$ 260 milhões. O banqueiro deu a sua primeira entrevista à imprensa antes de ser recebido pelos ministros da área econômica e pelo presidente José Sarney.

Na hipótese de o governo não aceitar o aval do Fundo, Stepanian disse que, pessoalmente, não tem uma alternativa. "Os bancos gostariam de negociar diretamente, sem intermediário; mas como existe uma multidão de bancos, os acertos individuais se tornam impraticáveis". Segundo ele, os próprios bancos não têm uma opinião uniforme sobre se o Plano Cruzado é bom ou não. Acrescentou que as condicionalidades envolvem assuntos de soberania nacional, e, se for retirado o FMI da jogada, haveria que se negociar a nível de governos.

Ao ser indagado se os bancos aceitariam renegociar seus créditos junto ao Brasil sem o aval do Fundo, Ira Stepanian respondeu: "Essa pergunta é muito complexa. Não se trata de dizer se é a favor ou contra o FMI. O que os bancos acham é que é muito complicada a negociação entre um só país e cerca

de 800 bancos. Numa primeira fase, tentou-se substituir o FMI por um comitê de representante dos bancos e essa situação não funcionou. Ficou muito difícil para o comitê falar por todos os bancos. Procurou-se, então, transferir essa representação para o FMI para facilitar as negociações. Por isso o FMI é procurado e está aberto a uma alternativa".

O presidente do Banco de Boston explicou por que os credores do Brasil não abrem mão do FMI. "Não cabe a nós pedir que os países obedeçam as condicionantes, por exemplo, que devem exportar mais. Já o Comitê de Representantes discute prazos e taxas de juros". Indagado também se os bancos aceitam renegociar com o Brasil tendo apenas a garantia do Artigo 4º (por esse documento, os membros do Fundo prestam informações anuais sobre o desempenho de suas respectivas economias), Ira Stepanian foi incisivo: "Esta é uma pergunta muito apropriada para o devedor fazer e muito difícil para um credor responder". Acrescentou ser impraticável um banco comercial ficar discutindo assunto de soberania de um país. Dentro da visão dele, a solução mais correta seria transferir essa discussão para o âmbito de governos.

Finalmente, Stepanian disse que os bancos voltarão a fazer empréstimos voluntários para o Brasil, quando houver um consenso entre eles de que a economia do país voltou ao equilíbrio.